

win the race. (Ele sabia que John ia ganhar a corrida). *He* e *John* indicam, aqui, pessoas diferentes. Pelo contrário, quando presente em cláusula subordinada, o pronome pode referir-se à locução nominal da principal. Exemplo: *John knew that he was going to win the race* (John sabia que ele ia ganhar a corrida). Nesse período, *he* e *John* referem-se à mesma pessoa.

\* \* \*

Para testar a interpretação sintática das estruturas escolhidas, a autora empregou técnicas adequadas à idade das crianças, tais como uso de brinquedos, jogos e gravuras. Por exemplo, para verificar se, na frase *The doll is easy to see* (A boneca é fácil de ver), a criança interpreta *doll* corretamente, como objeto e não sujeito do infinitivo, Carol Chomsky apresentou a cada criança uma boneca de olhos vendados, perguntando, a seguir, se a boneca era fácil ou difícil de ver. Muitas crianças optaram pela segunda alternativa, mostrando, assim, que entendiam *doll* erroneamente, como sujeito e não objeto do infinitivo: a boneca teria difi-

culdade em ver, em vez de ser difícil de ser vista.

Após a descrição e resultado de todos os testes, bem como de um gráfico mostrando a relação entre o resultado e a idade de cada criança, a autora conclui que, de fato, mesmo após os cinco anos, as crianças não adquiriram, ainda, o domínio de estruturas sintáticas que apresentam problemas específicos, como os indicados nas orações acima. Entretanto, a aquisição dessas estruturas não se dá na mesma época para todas as crianças. O resultado dos testes varia mais de acordo com o ritmo individual de desenvolvimento global do que com a idade. Apenas os problemas ligados à pronominalização apresentam uma correlação constante com a idade de cada criança: antes dos cinco anos e meio há, invariavelmente, fracasso na compreensão das estruturas. Após essa idade, a interpretação correta é a regra. Há alto grau de correlação entre as outras estruturas: a criança que compreende corretamente uma delas, tende a fazer o mesmo com todas as demais.

SOLANGE RIBEIRO DE OLIVEIRA

ALAIN BOSQUET, *L'amour à deux têtes*, Paris, Grasset, 1970, 206 pp.

Excelente poeta, crítico de nomeada, especialmente dedi-

cado ao estudo da poesia americana, Alain Bosquet é também romancista. Em *L'amour à deux têtes*, seu oitavo livro de ficção, literatura e vida marcam encontro. Suas persona-

gens, Félia e Philippe, vivem, intelectualmente, uma história de amor: *amour à deux têtes*, reduzido a palavras, condicionado a texto, análise e citações eruditas. Subjuga-os, sempre, a volúpia do verbo e a ele se rende, tímida, a carne indefesa. Em repetida lucidez crítica tudo analisam: a simpatia espontânea, a aceleração do pulso, a tentação da epiderme, o desmorteio do afeto. Erguem-se entre eles as muralhas da literatura convencional — lirismo, tragédia, drama — assinada por Shakespeare, Racine, Goethe, Kafka, Pirandello e Gide. Daí, a impossibilidade de situar na trivialidade do cotidiano o seu romance de amor. Félia, professora universitária nos Estados Unidos, Philippe, conferencista e escritor brilhante radicado na Europa, vêem-se apenas duas, três vezes por ano. Para escapar à vulgaridade, escolheram a exceção: o amor absoluto. Esquecidos do tempo, eximiram-se dos seus rigores, esquivaram-se à sua monotonia. Venceram a natural mesquinhez do afeto, realizando, na verdade, o milagre do amor ideal. Esse milagre, no entanto,

JOSÉ DONOSO, *L'Obscène Oiseau de la Nuit*, Le Seuil, Paris, 1972.

José Donoso est un romancier chilien de 48 ans. Son

oeuvre est assez restreinte puisqu'elle se résume à 3 romans, mais n'en est pas moins intense. José Donoso écrit pour multiplier ses obsessions et rejoindre en fait ses propres limites.

custou-lhes uma vida de privações, ausência, solidão. Feito o "balanço", Philippe descobre que o saldo positivo não compensa. Faz, então, numa carta, o seu auto-da-fé. Decide-se a imolar-se, como vítima, no altar humano do sacrifício, autorizando fraquezas, erros, imperfeições e enganos. Depois da declaração — "Nós estamos, você e eu, saturados de literatura" (p. 119), pede à amante que risque da memória Dostoiévski, Camus e outros porque "*ils nous empêchent de respirer et, ce qui est plus grave, d'être nous-mêmes*". E conclui: "*Il se fait tard dans notre siècle: acceptons nous tels que nous sommes vingt-quatre heures sur vingt-quatre. [...] Soyons égoïstes. J'attends avec impatience votre réponse: Je recommence déjà d'exister.*" (p. 122) Apelo tardio, o seu. Preservou-se, contudo, a plenitude desse afeto impossível: Philippe morre algum tempo depois sem que se realizasse a sua "conversão" humana. Félia, desesperada, pergunta-se: "*Est-il vrai qu'on ne meurt plus d'amour?*"

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ